

## HIP HOP NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

*Leonardo Soares da Mota<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo trata de uma série de intervenções que ocorreram em colégios estaduais do município de Toledo-PR, realizadas por jovens residentes da cidade, integrantes do movimento de batalhas de rimas, que decidiram levar a cultura hip hop para dentro das instituições formais de ensino, por meio de oficinas e apresentações realizadas entre os anos 2018 e 2019. Essas intervenções fazem parte do projeto hip hop nas escolas, pensado e posto em prática por esses jovens. As batalhas de rimas integram o arcabouço cultural do hip hop, sendo realizadas em diversos estados brasileiros, mobilizando grandes contingentes de pessoas, sobretudo as mais jovens. Neste artigo analiso os impactos dessas atividades na rotina escolar, a recepção do(a)s estudantes e a reprodução de determinadas práticas das batalhas dentro desses espaços formais, refletindo sobre seus possíveis aspectos pedagógicos. Foram realizadas entrevistas com todo(a)s o(a)s MCs que participaram do projeto, além de três professoras que estiveram envolvidas na realização das atividades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Batalha de rima; Hip Hop; Educação.

## HIP HOP EN LA ESCUELA: UNA EXPERIENCIA PEDAGÓGICA

**RESUMEN:** Este artículo trata de una serie de intervenciones ocurridas en las escuelas estatales del municipio de Toledo-PR, realizadas por jóvenes residentes de la ciudad, miembros del movimiento de batalla de rimas, que decidió llevar la cultura hip hop a las instituciones educativas formales, por medio de talleres y presentaciones realizadas entre 2018 y 2019. Estas intervenciones son parte del proyecto hip hop en la escuela, diseñado y puesto en práctica por estos jóvenes. Las batallas de rimas son parte integral del marco cultural del hip hop, realizándose en varios estados brasileños, movilizando grandes contingentes de personas, especialmente jóvenes. En este artículo analizo los impactos de estas actividades en la rutina escolar, la recepción de los estudiantes y la reproducción de ciertas prácticas de las batallas dentro de estos espacios formales, reflexionando sobre sus posibles aspectos pedagógicos. Se realizaron entrevistas a todos los MCs que participaron en el proyecto, además de tres docentes que participaron en la realización de las actividades.

**PALABRAS-CLAVE:** Batalla de rimas; Hip Hop; Educación;

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais e bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: [leonardosoares201413@gmail.com](mailto:leonardosoares201413@gmail.com)

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – UNIOESTE – Rua da Faculdade 645. Toledo – PR.  
CEP 85.903-000

Email: [revistaalamedas@gmail.com](mailto:revistaalamedas@gmail.com)

Entre 2018 e 2019, jovens integrantes do movimento das batalhas de rimas de Toledo-PR realizaram diversas intervenções em colégios da rede pública do município, nas quais propuseram-se a levar a experiência dessas batalhas para dentro das instituições formais de ensino. Por meio de apresentações e oficinas, com demonstrações de improviso e declamações de poesias, além de uma apresentação narrativa sobre a origem e formação do Hip Hop enquanto um movimento cultural contestador, marginal e coletivo, marcadamente negro, latino e periférico, esses jovens compartilharam experiências e aprendizados adquiridos na vivência dessas batalhas. Essas intervenções integram o projeto Hip Hop na Escola, e o relato dessas experiências faz parte da pesquisa “Improviso como Arte e Educação: as Batalhas de Conhecimento de Toledo – PR”<sup>2</sup>, na qual apresento diversas práticas e aspectos próprios dessas batalhas que as caracterizam como espaços educativos.

Enquanto participante do movimento Hip Hop, tive a oportunidade de participar dessas intervenções, sendo um dos idealizadores do projeto. Aqui, para além do relato, proponho uma análise dessas experiências, destacando determinados aspectos pedagógicos presentes nessas intervenções, e os impactos dessas na rotina escolar e na construção da aprendizagem com os alunos e alunas que participaram das atividades. Assim sendo, é necessária a apresentação inicial de alguns conceitos, definições e escolhas metodológicas pertinentes a essa proposta.

## DEFINIÇÕES, CONCEITOS E ESCOLHAS METODOLÓGICAS

O projeto Hip Hop na Escola é resultado da vivência de seus participantes nas chamadas batalhas de rimas, também conhecidas como batalhas de *freestyle* ou batalhas de improviso. Essas batalhas constituem-se como disputas entre duas ou mais pessoas que criam rimas improvisadas em um determinado intervalo de tempo. As pessoas que participam dessas disputas são chamadas de MC. A origem das batalhas remete à origem do Hip Hop, sendo hoje um dos eventos que mais despertam atenção na cena do Hip Hop nacional, mobilizando um grande número de pessoas, sobretudo as mais jovens.

---

<sup>2</sup> Monografia apresentada como requisito ao título de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em 2021.

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – UNIOESTE – Rua da Faculdade 645. Toledo – PR.  
CEP 85.903-000

Email: [revistaalamedas@gmail.com](mailto:revistaalamedas@gmail.com)

As regras e configurações dessas Batalhas variam conforme a região em que são realizadas e por quem as organiza. Ainda assim, é consenso a divisão entre duas modalidades: as Batalhas de Sangue e as Batalhas de Conhecimento. Essas podem ser facilmente entendidas quando contrapostas: nas Batalhas de Conhecimento, no início de cada *round*, são indicados temas ou palavras sobre ou com as quais o(a)s MC's devem rimar; nas Batalhas de Sangue não há essa proposição temática, o improvisado é livre e as rimas são geralmente direcionadas a “atacar” ou se “defender” do(a)s adversário(a)s. As Batalhas de Conhecimento são predominantes em Toledo-PR, sendo espaço de formação para o(a)s MCs envolvido(a)s no Hip Hop na Escola.

Foram realizadas entrevistas com todo(a)s o(a)s MCs que participaram do projeto. As entrevistas tiveram caráter qualitativo e organização semiestruturada, combinando perguntas fechadas e abertas, possibilitando a(o) entrevistado(a) uma liberdade para discorrer sobre o tema abordado (MINAYO, 2015). Também foram colhidos depoimentos de três professoras envolvidas diretamente com as atividades, via e-mail e aplicativo WhatsApp.

Sobre a noção de Educação que embasa este trabalho, tomemos como referência a obras de Ivo Tonet (2005) e Paulo Freire (1984), definindo-a como um processo de apropriação crítica de um conjunto de saberes acumulados ao longo da história humana, que propicie um desvelamento de nossa realidade e oportunize a tomada de ações que possibilitem sua transformação. Por conseguinte, a Educação Formal trata da realização desse processo dentro de espaços e instituições oficiais de ensino, como é o caso dos colégios estaduais.

Por práticas educativas nos referimos as ações ou comportamentos que propiciem a apropriação crítica desse patrimônio de saberes, e estimulem nos indivíduos uma percepção de seu potencial transformador da realidade. Enquanto práticas pedagógicas são ações ou comportamentos que, possuidores de um caráter educativo, possam ser sistematizados e reproduzidos, visando sua aplicação em espaços distintos.

## **O HIP HOP NA ESCOLA**

A primeira das intervenções aconteceu em outubro de 2018, no Colégio Estadual Ayrton Senna, localizado no bairro São Francisco. Por intermédio do MC Lavor,

recebemos o convite para realização de uma oficina sobre *freestyle* e poesia no Hip Hop. O objetivo era inspirar os alunos e alunas a participarem de uma batalha de poesias que seria realidade posteriormente no colégio. No dia fomos o MC Will e eu na parte da manhã e da tarde, já no período noturno o MC Lavor se apresentou juntamente com a MC AK 47 e comigo.

Foram feitas duas apresentações em cada um dos três períodos do dia, com estudantes do nono ano e do Ensino Médio. Iniciamos com a apresentação de cada MC, identificando-se como membro do movimento Hip Hop e participante das Batalhas de Conhecimento de Toledo. Em seguida, realizamos uma exposição sobre a história do Hip Hop e seus elementos, seguida por demonstrações de *freestyle* com temas sugeridos pelo(a)s aluno(a)s, além de declamações de poesias. No período noturno, realizamos uma batalha demonstrativa. Todas as apresentações foram realizadas em uma sala de laboratório do Colégio.

Questionei a Daianny sobre a experiência, buscando compreender seus efeitos e repercussões nas interações e dinâmicas do colégio. A professora afirmou que a ‘experiência foi muito válida’ e provocou grande empolgação entre o(a)s aluno(a)s, destacando o fato de ter sido realizada por pessoas de fora da instituição como algo positivo para o despertar do interesse. Daianny avaliou como positiva a reação dos demais professores e da direção da escola, afirmando que faria a atividade novamente, porém com algumas alterações. Segundo ela, não foi possível a realização da batalha de poesias, sendo feito um “varal de poesias e versos”:

“Os alunos gostaram muito da atividade, se empolgaram, mas não conseguiram colocar a indignação deles nos versos e poesias, talvez por falta de bagagem crítica, talvez por timidez, mas acredito que plantamos uma semente, e que se estimulada ela pode dar frutos novamente. Mas como avaliei, é preciso tempo para desenvolver a atividade com os alunos. Em 2018, fizemos de forma muito corrida, se não me engano tivemos 3 ou 4 semanas, foi muito atropelado. Esta atividade, na minha avaliação, requer tempo e engajamento por parte da escola como um todo, e de outros professores, outras disciplinas”.

A professora também lembrou que durante o intervalo das aulas foram formadas rodas de rimas no pátio do colégio, e revelou acompanhar ainda alguns de seus alunos nas redes sociais “que fazem versos até hoje”. Sobre essa experiência, destaco também a

fala do MC Labor, ex-estudante da instituição, que apontou uma mudança positiva nas relações com os colegas e contou como foi voltar ao colégio no papel de MC:

“A foi loco, [...] eu lembro que no final os maluquinhos vieram falar ‘o mano, se fazia RAP e nos nem tava ligado’, e tipo assim, os maluquinhos que estudavam lá no colégio de noite, tá ligado? Eu fazia curso, aí tinha um outro piaçã, do colégio mesmo, que fazia, estudava de noite e pá, aí ele não tava ligado, [...] aí o maluquinho: ‘o mano, da hora’, ele nunca tinha nem me cumprimentado, nunca tinha nem pá assim, era mó fechadam, tá ligado? Ai na hora que ele viu que eu fazia um rap, aí já chegou ‘o, da hora, e não sei que’, onde que me vê hoje já cumprimenta, tipo assim, tá ligado? O bagulho é que ele se identifico, e, sei lá, não consigo explicar, mas foi um bagulho muito da hora, se passa a visão ali [...]. Fizeram até uma batalha no intervalo mano”.

A batalha citada pelo MC Labor foi um fato marcante das apresentações no Colégio, sempre lembrada pelo(a)s MC’s que estiveram presentes. Essa batalha foi realizada no intervalo e não teve interferência nossa, nem de professore(a)s ou funcionário(a)s, sendo iniciada por dois alunos do colégio. O MC Will também relembrou esse episódio e destacou outro fator marcante nessas apresentações, a recepção positiva do(a)s profissionais da instituição:

“Massa mano, nossa, sem mancada, eu achei que nós ia chegar lá mano, e as pessoas iam ter uma visão totalmente diferente nossa né mano, mas foi muito massa, nossa, foi nós dois lá, desembolamos, nossa, eu nunca tinha falado em público assim mano, tá ligado? Tirei um free ainda pa. [...]. Cara, foi desumano, e nossa, depois mano, vendo a galera, ver a reação da galera mano, foi um bagulho muito foda pra mim, tá ligado? Tipo, tanto dos alunos né mano, que vieram perguntar pra gente pá, quando que acontecia, como é que acontecia, tá ligado, e tipo, das professoras né mano, isso aí eu fiquei de cara, fomos muito bem recebidos pelos professores [...]. Foi uma sensação muito loca mano, e tipo, passa a visão pra molecada mano, do que que é, eu acho que isso aí é essencial mano, tá ligado, porque mano, isso aí, tipo, ajuda muita gente mano, que né, os caras tavam fazendo uma batalha lá, na hora do intervalo, se flagro mano? Lembra?”.

O relato é revelador. O fato de entrar no Colégio como MC e apresentador, assumindo uma posição ativa nas relações em um espaço onde outrora se tinha um papel majoritariamente passivo, de mero recebimento, foi algo sem precedentes para o(a)s MC que participaram da atividade. A recepção positiva por parte das professoras e demais agentes da instituição contrapõe-se as experiências que a maioria do(a)s entrevistado(a)s teve durante sua jornada escolar. No caso do MC Will, por exemplo, ele revelou



considerar a falta de diálogo e de boas relações com os professores e professoras como a principal dificuldade nas instituições educacionais que frequentou.

A experiência no Colégio Ayrton Senna possibilitou uma segunda intervenção, no Colégio Estadual do Jardim Europa, ainda em 2018. Uma particularidade dessa instituição é que há vários anos as gestões vêm restringindo o convívio na hora do intervalo, como medida de prevenção e combate à violência e ao tráfico de drogas. Um dos professores do Colégio fez contato com o MC Hement, através do qual fomos convidados para uma apresentação no Dia da Consciência Negra. Comparecemos eu, a MC AK47 e o MC Hement, e realizamos uma apresentação única na parte da manhã, no pátio que serve de refeitório do Colégio. A apresentação seguiu a mesma dinâmica das realizadas no Ayrton Senna, sendo feita uma batalha demonstrativa no final. A respeito dessa experiência, cito a fala do MC Hement, ex-estudante do Colégio, que destacou a recepção positiva por parte de professores e professoras, e do(a)s estudantes:

“Sim, foi muito bom que, até aquele dia foi o Dia da Consciência Negra né, os professores ainda, que estudei, meu professor de matemática falo ‘ai sim em, e tal né’, ai pego e falo ‘ó, se manda bem e tal né’, foi muito bom, e também teve o pessoal que tava assistindo, as crianças, mais os adolescentes né, que estavam lá também, tipo, gostaram né, falaram ‘nossa, que legal, não sabia’, ai eles perguntaram ‘ou, tem batalha?’ ‘o quando que tem batalha?’ ‘o que legal, quero ir, nossa’, tipo, isso motivação, motiva a pessoa”.

As reações positivas, tanto do(a)s MC’s, quanto do(a)s estudantes e profissionais das instituições, serviu de motivação para a organização de um projeto escrito dessas intervenções, o qual denominamos Hip Hop na Escola. O projeto foi levado como proposta de oficina a oito dos colégios estaduais de Toledo, sendo apenas dois os que responderam positivamente à realização das atividades, o Colégio Dario Vellozo e o Colégio Luís Augusto Moraes Rego.

No Colégio Dario Vellozo foram feitas duas apresentações no período matutino, realizadas durante as aulas de Sociologia ministradas pela professora Tânia Maria Bombardelli, formada em Ciências Sociais pela PUC de Curitiba-PR. Entrei em contato com ela por e-mail, enviando um questionário no qual abordei as mesmas questões que tratei com a professora Daianny. Tânia também avaliou como positiva a atividade, dizendo ter sido “uma grande experiência”, “muito importante” e “esclarecedora”. A professora afirmou que realizaria a atividade novamente, e destacou ter sentido que os

alunos e alunas “amaram a experiência e foi de grande aprendizado”. A professora revelou ainda que houve certa resistência de alguns professores e de parte da direção, mas que mesmo assim apoiaram a atividade.

A primeira das apresentações no Colégio Dario Vellozo foi realizada na quadra aberta do Colégio, e a segunda em uma sala de aula. Compareceram a MC AK47, o MC JB, além de mim e do *beatboxer*<sup>3</sup> Erison Brayon. Na segunda apresentação, um dos alunos da instituição também participou das sessões de *freestyle* e das batalhas demonstrativas.

No colégio Luís Augusto Moraes Rego, as apresentações aconteceram nos três períodos e foram intermediadas pela professora Dayanne Cristina Paetzold, graduada em Ciências Sociais pela Unioeste. Participaram da atividade eu, a MC AK 47, os MC's JB, Hement e Sipriano, além do aluno Pedro, que somou nas sessões de *freestyle* e nas batalhas demonstrativas. Posteriormente, em contato com a professora Dayanne, ela revelou ter feito um questionário com os alunos e alunas que participaram das atividades, perguntando sobre “o que eles tinham achado, se eles tinham conseguido linear com os temas que a gente estava trabalhando e o que eles acharam de pontos positivos e pontos negativos”, infelizmente, a professora disse não ter mais o material com as respostas dos alunos, contudo, revelou que:

“[...] a maioria colocou que eram pontos positivos trazer uma coisa diferente pra escola, eles conseguiram avaliar, cada turma conseguiu colocar certinho o que de cada conteúdo, dentro da suas limitações, mas por exemplo, tava trabalhando desigualdade social com o primeiro ano e eles perceberam na fala de vocês, principalmente na fala dos meninos, esqueci o nome, mas acho que dos meninos da tarde, o segundo ano tava trabalhando cultura e indústria cultural e aí pego na veia né, e relações de poder a mesma coisa, então a experiência é muito válida, muito legal, ter essa vinda de fora né, pra escola, ajuda a gente nas aulas [...]”.

Dayanne afirmou que faria a atividade novamente, alterando apenas o local em que foram realizadas – algumas dentro de salas de aula e outras em uma sala de laboratório -, indicando que a quadra poliesportiva do Colégio seria um melhor lugar.

A experiência no Colégio Luís Augusto Moraes Rego também foi marcada por algumas situações inesperadas, como por exemplo, o fato de, na parte da manhã, enquanto

---

<sup>3</sup> Pessoa que pratica o *Beat Box*, elemento do Hip Hop que se caracteriza pela execução de sons feitos somente com a boca e o auxílio das mãos, sem uso de instrumentos ou recursos eletrônicos.

nos deslocávamos de uma sala para outra, um funcionário da instituição ter agido de forma agressiva ao tirar o boné que o MC JB usava, afirmando que isso era norma no Colégio. Outro episódio marcante aconteceu no período noturno, enquanto realizávamos a última das batalhas demonstrativas, justamente entre dois estudantes da instituição, o aluno Pedro e o MC Sipriano. Eram quase 22 horas de uma sexta-feira quando, em meio à euforia dos alunos e alunas com os versos rimados, surgiu o chefe do Núcleo Regional de Educação, José Carlos Guimarães, antigo diretor do Colégio, ele permaneceu por alguns instantes, retirando-se antes do fim da batalha. Esse fato causou espanto não somente no(a)s MC's e aluno(a)s, mas também na professora Dayanne:

“[...] eu acho que a reação que houve foi assustadora, assim, nunca tinha acontecido isso, mas foi uma sucessão de erros, minha e da direção, que a gente acabou deixando isso acontecer e o diretor do núcleo me apareceu lá, o diretor do núcleo saiu da casa dele, numa sexta-feira à noite, pra ver o que tava acontecendo no colégio, o que é muito legal né, podiam fazer isso sempre, ver o que tá acontecendo nas escolas, mas me preocupou muito na época, eu fiquei bem mal assim, falei ‘cara, que que tá acontecendo?’ mas porque é uma coisa que não acontece sempre na escola né, uma coisa que movimentou a escola, então estavam todas as turma do ensino médio noturno lá [...]”.

A professora apontou ainda uma possível ligação desse acontecimento com a norma posta pelo Núcleo Regional de Educação, em 2020, que restringe o acesso de convidados externos ao ambiente escolar, impondo a necessidade de criação de um projeto e apresentação do mesmo a um responsável no NRE de Toledo, para assim conseguir autorização. Essa mesma norma também foi citada pela professora Daianny Lehn, do colégio Ayrton Senna, como um possível empecilho para novas intervenções do projeto.

## **O HIP HOP COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA**

O Hip Hop na Escola nasceu de uma oportunidade e se moldou sobre ela. A atividade envolveu sete MC's e um *beatboxer*, com apresentações em quatro colégios da rede pública de Toledo, alcançando centenas de estudantes e funcionário(a)s. O espaço dado pela professora Daianny, em 2018, foi o germe de um projeto que sem qualquer financiamento, contando apenas com a cooperação de alguns professores e professoras, e a disposição do(a)s participantes, levou um pouco da vivência das batalhas de Hip Hop

Programa de Pós-Graduação em Filosofia – UNIOESTE – Rua da Faculdade 645. Toledo – PR.

CEP 85.903-000

Email: [revistaalamedas@gmail.com](mailto:revistaalamedas@gmail.com)



para dentro das instituições formais de ensino, algo até então inédito na cidade. Demonstrando a arte do *freestyle*, o valor dessa cultura, muitas vezes marginalizada, e seu potencial de transformação da realidade, almejando estimular não só o envolvimento desses jovens com o movimento, mas também possíveis e futuras conexões entre o Hip Hop e a prática pedagógica das escolas.

O ato de improvisar, premissa fundamental das batalhas de rimas, se fez presente em todas as intervenções, e é classificado por Bentes (2008) como gênero de poesia oral, logo, uma forma de arte, necessitando de treino e estudo para que possa ser realizada. Essa prática foi a primeira que nos saltou aos olhos como dotada de potencial pedagógico. No documentário ‘Paulo Freire, um homem do mundo’, lançado em 2020, o próprio Freire afirma que a arte, quando desafia a curiosidade estética, o gosto do belo, é altamente pedagógica.

Na pesquisa “Improviso como Arte e Educação: as Batalhas de Conhecimento de Toledo – PR”, expus como jovens MCs de Hip Hop, em sua maioria oriundos de periferias, e sem completarem o ciclo da educação básica, aprendem e ensinam através do improviso de rimas. O incentivo ao desenvolvimento da oratória, a liberdade para dizerem “sua palavra” (Freire, 1987), a dinâmica dialógica dos *rounds* e as características democráticas e horizontais na organização dessas Batalhas, são alguns dos aspectos que caracterizam a prática do improviso nesses espaços como educativa, enquanto forma de assimilação, discussão e revisão constante de atitudes e conhecimentos. Contudo, a transposição desse exercício para dentro dos colégios nos deixou alguns questionamentos.

O primeiro deles foi posto pela professora Daianny Lehn ao citar a necessidade de um tempo maior para o projeto, visando um melhor desenvolvimento das atividades. O ato de revisitar e revisar posicionamentos e até as próprias palavras, só pode ser posto em prática com um espaço de tempo que extrapole uma apresentação única. A experiência no Colégio Moraes Rego foi prova disso, tendo sido a que mais contou com a participação e o engajamento do(a)s estudantes, haja visto que a maioria dele(a)s já haviam participado de outra atividade, anterior ao projeto, voltada a produção e declamação de poesia, na qual tiveram contato com elementos da cultura Hip Hop. Se o choque com o desconhecido pode causar certo fascínio, como visto nos demais colégios, o redescobrir por novos ângulos se mostrou ainda mais eficaz na interação com o(a)s aluno(a)s.

Entretanto, como o próprio Freire (2015, p. 155) indica, “não há prática educativa sem conteúdo”, baseado nisso, voltemos o olhar as Batalhas de Conhecimento, nas quais o conteúdo são os temas dos *rounds* e a assimilação do Hip Hop como algo a ser vivido, um modo de ser que extrapola os espaços de apresentações e se perpetra nas ações e posicionamentos diários desses jovens.

Os temas dessas Batalhas são diversificados, constituindo-se como espaços a serem preenchidos por conteúdos distintos, propiciando um contato com diferentes temáticas e discussões que se ligam diretamente ao convívio social urbano, servindo de mecanismo de aprendizagem aos que frequentam esses eventos, participantes ou não. A liberdade para tratar de diversos assuntos e a urgência que o improviso pressupõe, dotaram esses MCs de uma autonomia que influenciou positivamente suas habilidades de socialização, reflexão e expressão. A repetição de determinados temas nas várias edições das batalhas, como por exemplo: ‘racismo’, ‘desigualdade social’, ‘feminismo’, ‘liberdade de expressão’, ‘suicídio’, entre outros, resultou em um amadurecimento e uma ampliação do conhecimento desse(a)s jovens sobre diversas temáticas, contribuindo para uma formação política e social dos envolvidos.

No Hip Hop na Escola, pedíamos temas aos próprios alunos e alunas presentes, buscando construir uma relação na qual podiam escolher sobre o que queriam ouvir. Algumas sugestões retomavam temas que eram tratados nas batalhas, contudo, não havendo uma continuidade nos encontros, como acontecia nas Batalhas, não creio ser possível especular a respeito da influência do trato das temáticas para os envolvidos nas atividades, sejam estudantes ou MC’s. Ainda assim, a própria Profa. Dayanne Paetzold relatou que a maioria das turmas que participaram das atividades conseguiram ligar as apresentações a conteúdos que estavam sendo trabalhado nas aulas de Sociologia, como desigualdade social, cultura, indústria cultural e relações de poder, ressaltando o potencial pedagógico da prática do improviso.

O engajamento do(a)s estudantes, o entusiasmo e a alegria com a realização das atividades, são outros indícios de uma possível efetividade pedagógica dessas práticas. A recepção positiva por parte dos professores e professoras, e do(a)s demais funcionário(a)s dos colégios, surpreendeu, contrapondo-se a literatura posta a respeito das dificuldades de se trabalhar com o Hip Hop nas escolas, haja visto Silva (1999) e Fonseca (2011) que apontaram em seus trabalhos a resistência desses profissionais como um recorrente

empecilho para este tipo de atividade. É evidente que o recorte da experiência do Hip Hop na Escola é pequeno e não permite generalizações, contudo, podemos pontuar que a recepção positiva desses profissionais, reflete uma possível e gradativa mudança de postura dos agentes educacionais em relação ao Hip Hop.

A professora Daianny Lehn citou ainda a necessidade de um maior engajamento de professore(a)s e profissionais das instituições, o que nos impele a pensar possibilidades multidisciplinares, ou interdisciplinares, no levar o Hip Hop e a prática do *freestyle* para dentro dos colégios. As características formativas do Hip Hop, sua origem negra, latina e periférica, é propícia a atividades em datas específicas, como no Dia da Consciência negra, mas também nos permite pensar possibilidades de trabalhos multidisciplinares, voltados ao protagonismo dos estudantes, o incentivo a liberdade de expressão e ao desenvolvimento da oratória, do poder de exposição e síntese dos(a) estudantes.

As intervenções do Hip Hop na Escola também se mostraram eficaz no que diz respeito ao envolvimento do(a)s aluno(a)s com as atividades, tendo em conta a grande participação do(a)s estudantes e os relatos positivos do(a)s profissionais de educação envolvidos. Os depoimentos do(a)s MCs também revelam uma relação da prática do *freestyle* dentro do Hip Hop com o desenvolvimento escolar, indicando uma influência positiva nos mais diversos aspectos de aprendizagem.

O uso do *freestyle* como exercício de expressão e liberdade, se mostrou efetivo em reproduzir-se, tendo em vista a participação de alguns alunos nas batalhas demonstrativas e até mesmo a realização de batalhas e rodas de rimas nos colégios. Entretanto, a professora Dayanne Paetzold relatou que alguns reclamaram do uso excessivo de palavrões por parte dos MC's, sendo algo que causou certa apreensão pelo contraste com o vocabulário corrente no interior dessas instituições, podendo vir a ser um entrave ao exercício do improviso nesses espaços.

No mais, as estruturas dessas instituições ainda parecem resistentes a intervenções como a do projeto aqui descrito, tanto na questão do vocabulário e dos trajes característicos dos participantes, como em relação à própria ordem burocrática que por vezes restringe esse tipo de atividade, haja vista a norma citada pelas professoras e a recusa dos demais colégios em abrir espaço para as apresentações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato e análise dessas experiências, podemos afirmar que as intervenções do Hip Hop na Escola tiveram influência positiva na construção da aprendizagem dos alunos e alunas que participaram das atividades. Também é plausível afirmar que a prática do improviso temático, ligado ao Hip Hop, é educativa e pode vir a ser pedagógica, contudo, a reprodução dessa prática nas instituições escolares necessita ainda de mais pesquisas e experiências para que possa se consolidar enquanto prática pedagógica. É sensato pensar que o simples incentivo ao ato de improvisar já possibilita um desenvolvimento da oratória. O improviso de rimas como forma de prender atenção e despertar interesse de alunos e alunas também se mostrou efetivo, e até mesmo a proposta temática pode ser reproduzida nas escolas, todavia, as regras e normas dessas instituições podem limitar a abrangência dos temas e a liberdade no tratar de determinados assuntos.

A realização de batalhas demonstrativas e sessões de *freestyle*, como as realizadas no projeto, mesmo que espelhando o modelo organizacional das Batalhas de Conhecimento, não equivalem a experiência da vivência nesses espaços. A rebeldia, o caráter marginal e contestador, e as liberdades intrínsecas do Hip Hop ainda parecem divergentes da rigidez das instituições educacionais que muitas vezes tendem a uniformização e regramento em suas práticas. Isso não significa que o(a)s profissionais de educação não devam olhar com atenção para essas Batalhas, para prática do improviso e para o Hip Hop, pelo contrário, as intervenções do Hip Hop na Escola demonstraram que as relações estabelecidas nesses espaços podem somar no esforço de encurtar a distância entre a escola e a realidade vivida pelo(a)s aluno(a)s, entre o discurso do(a) educador(a) e a experiência do(a) educando(a), contribuindo assim para a construção de uma educação horizontal, dialógica e voltada para a decisão e para a responsabilidade social e política (FREIRE, 1984).

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, Anna Christina. **Contexto e multimodalidade na elaboração de raps paulistas**. Revista *Investigações - Linguística e Teoria Literária*. v. 21, n. 2, p. 199-219, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1911>. Acesso em: 11/08//2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra –15ª edição, 1984.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. 22ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

FONSECA, Ana Silvia Andreu da. **Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar**. 2011. 242 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL / UNICAMP, Campinas, SP, 2011. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269696/1/Fonseca\\_AnaSilviaAndreuda\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/269696/1/Fonseca_AnaSilviaAndreuda_D.pdf). Acesso em: 11 de ago. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 14ªed. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAULO FREIRE, UM HOMEM DO MUNDO. Direção: Cristiano Burlan. Produção de SescTV e TVT. 2020.

SILVA, José C. G. Arte e Educação: A Experiência Do Movimento Hip Hop Paulistano In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.) **RAP e educação**, RAP é educação. São Paulo: Summus, p 23-38. 1999.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. Disponível em: [http://ivotonet.xp3.biz/arquivos/EDUCACAO\\_CIDADANIA\\_E\\_EMANCIPACAO\\_HUMANA.pdf](http://ivotonet.xp3.biz/arquivos/EDUCACAO_CIDADANIA_E_EMANCIPACAO_HUMANA.pdf). Acesso em: 11 de ago. de 2021.